

# JOVENS E COMUNIDADES ONLINE: APRENDIZAGEM INFORMAL E PRODUÇÃO DE CULTURA VISUAL

Joice Suellen Aguiar Atique  
PPG/Mackenzie

Miriam Dias Martins  
Mackenzie

ISSN 2316-6479

## Resumo

Este artigo reflete sobre a atuação de jovens em comunidades online de produção audiovisual colaborativa. Os autores analisam a comunidade web de produção colaborativa *HitRecord* como um ambiente de aprendizagem informal. Também faz-se uma ligação desta análise com a pesquisa '*Visual Culture Learning Communities: How and What Students Come to Know*', desenvolvida por Kerry Freedman em 2013. Nas considerações finais salienta-se que o jovens internautas que se envolvem com comunidades de produção colaborativa estão geralmente em busca de conhecimento e espaço de produção que vai além do que lhes é oferecido nas instituições educacionais.

**Palavras chave:** cultura visual; internet; produção audiovisual; produção colaborativa; comunicação.

## Abstract

This article reflects on the role of young people on online collaborative audiovisual production communities. The authors analyze the web collaborative production community *HitRecord* as a informal learning environment. This analyze is linked to the research '*Visual Culture Learning Communities: How and What Students Come to Know*', developed by Kerry Freedman in 2013. In the final considerations it is pointed out that young Internet users that enrol on collaborative production communities are usually in search of knowledge and production environment that goes beyond of what is offered to them in educational institutions.

**Keywords:** visual culture; Internet; audiovisual production; collaborative production; web communities.

## 1 Introdução

O estudo da cultura visual desafia os limites do sistema das belas artes ao incluir e discutir o impacto de objetos do cinema, publicidade, jogos digitais, quadrinhos, conteúdo web etc., ao “ênfatizar, deliberadamente, a relação arte e vida, ou seja, arte e imagem como parte do cotidiano, como parte de uma convivência diária com nossa diversidade e complexidade” (MARTINS, 2012, p.71). Desta maneira, contribuindo para que os indivíduos desenvolvam uma visão crítica sobre o poder das imagens, buscando compreender o papell destas na vida, na cultura.

É um advento da pós-modernidade a mudança da noção e conceitos de arte/ imagem e autor/sujeito. As representações visuais têm dado maior relevância ao 'olhar', ou seja, ao sujeito, em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo (HERNÁNDEZ, 2007). As instituições educacionais passam, então, a enfatizar o papel da imagem de articular uma diversidade de sentidos e significados.

Assim, o que Hernández afirmou no *Congreso Ibérico de Arte-Educación* em 2001 continua a ser verdade, “a cultura visual está em expansão, assim como o campo das artes visuais. Este campo inclui as artes, televisão, cinema e vídeo, a esfera virtual, etc”. Ao olhar para a *web*, os estudos de cultura visual encontram nesta um campo rico para observar fenômenos como dialogia, intertextualidade e heterogeneidade. Neste universo as interações ocorrem por meio de confluências, reciprocidades, simultaneidades e fronteiras. “Fronteiras porosas, como espaços muitas vezes imaginários, espaços de trânsito e sem uma divisão a priori do que é bom e mal, culto ou popular” (MARTINS, 2012, p.75).

Trabalhar com arte e com imagem na *web* nos desafia a estar atentos ao que Popkewitz (apud MARTINS, 2012, p.76) coloca como:

Entender que o olho não apenas vê, mas é socialmente disciplinado pela ordem, divisão e “criação” das possibilidades da organização do mundo e do sentido da identidade individual. Ao questionar como os olhos veem, é possível questionar também como os sistemas de ideias “tornam” realidade o que é visto, pensado e sentido. Tais perguntas sobre a razão – ou seja, a construção social da razão (e as relações de poder embutidas nestas) – são os princípios pelos quais o agente “vê” e age para efetuar uma mudança.

Os significados não se separam do contexto em que são construídos e vividos, e cada vez mais as pessoas vivem cultura visual através do e no contexto *web*. Devemos discutir tais mudanças com o intuito de enriquecer estas experiências. Para isso, este artigo pretende refletir sobre a comunidade *web* de produção audiovisual colaborativa HitRecord como ambiente de aprendizagem informal e produção de cultura visual.

## **2 HitRecord: Como funciona a produção audiovisual colaborativa na web**

*HitRecord* é um site de produção colaborativa on-line fundada pelos irmãos Gordon-Levitt em 2005. Hoje neste site existe uma comunidade de centenas de pessoas ao redor do mundo que trabalham juntas para criar projetos audiovisuais como curtas de animação e vídeos poesia. O site funciona nos moldes de rede

social. Cada usuário tem o seu perfil, que informa suas características e trabalhos anteriores. Uma vez que um usuário insere um trabalho pessoal – que pode ser uma poesia, texto, música, ilustração – ele permite que a comunidade avalie este trabalho. Caso o trabalho seja bem avaliado ele se torna mais popular e mais visualizado. Todos os trabalhos inseridos no site podem ser modificados e inseridos nos trabalhos de outros participantes.

Um bom exemplo de como a comunidade produz e interage é o vídeo *Strawberry Bootlaces* (LEVITT, 2011). Este trabalho começou com um poema inserido por um participante do Reino Unido. Este se tornou tão popular que várias pessoas da comunidade pediram para o autor gravá-lo em forma de áudio. Depois, um outro membro inseriu um faixa musical a gravação, e um ator dos Estados Unidos gravou uma interpretação visual do poema com fundo verde, permitindo, assim, que os ilustradores trabalhassem no vídeo. A comunidade fez dezenas de vídeos sobre esta interpretação. Então, um membro coletou vários trechos destes vídeos formando o trabalho final, que chegou ao *Sundance Film Festival* em 2012. Abaixo vemos algumas imagens do vídeo retiradas do site da HitRecord :



1 LEVITT, Gordon. Vídeo *Strawberry Bootlaces*. 2011.



2 LEVITT, Gordon. Vídeo *Strawberry Bootlaces*. 2011.



Outro trabalho onde vemos claramente a interatividade dentro da comunidade é o *Flickering Lights*, de 2013. Não é possível saber com certeza como este fenômeno teve início, mas a comunidade começou a compartilhar diversos vídeos curtos com o tema Luzes Piscantes. Então o membro conhecido como Wirrow compôs um poema sobre o tema e gravou um áudio deste. Logo dois outros membros da comunidade criaram um fundo musical e inseriram ao primeiro áudio. Então outro membro, conhecido como Dr. Gory, reuniu trechos de 62 vídeos com o tema Luzes Piscantes produzidos pela comunidade e criou o vídeo que alcançou centenas de milhares de visualizações no Youtube. Abaixo podemos ver algumas destas imagens utilizadas:



3 LEVITT, Gordon. *Flickering Lights*. 2013.



4 LEVITT, Gordon. *Flickering Lights*. 2013.



5 LEVITT, Gordon. Flickering Lights. 2013.

Desta mesma maneira são produzidos dezenas de trabalhos diariamente dentro da comunidade HitRecord. Alguns sendo abraçados pela comunidade e reverberando em vários outros trabalhos. O que nos leva a questão seguinte: por que estes jovens se envolvem em comunidades de produção audiovisual colaborativa?

### 3 Porque se formam comunidades de produção colaborativa

Uma pesquisa internacional desenvolvido pela *National Art Education Foundation* em 2013 e liderada por Kerry Freedman envolveu entrevistas com grupos de adolescentes e jovens adultos participantes de diversas comunidades de produção visual auto-iniciadas em cinco áreas urbanas. Um dos temas explorados nesta pesquisa é particularmente interessante para o presente artigo: a razão pela qual os entrevistados participam de comunidades de criação artística.

As principais respostas oferecidas pelos entrevistados foram:

- Contatos sociais feitos através de interesses em comum com outros membros da comunidade
- Desejo de aprender aspectos da cultura visual que tendem a estar ausentes do currículo escolar

A maior parte dos entrevistados vê as obras de seus grupos como uma forma de criatividade, como a criação de um verdadeiro trabalho de arte. Os mais jovens nestes grupos reconhecem seu desejo de buscar nestas comunidades uma forma de aprender arte/cultura visual. Alguns dos comentários feitos sobre esta questão diz respeito a falta de disponibilidade de aulas de arte. Mas a maior parte dos entrevistados relatam que estes grupos são formados porque a

educação formal parece ser artisticamente ou culturalmente limitada. Aqui estão algumas afirmações feitas por entrevistados na pesquisa de Freedman:

- “Basicamente, quero aprender tudo sobre a mídia. Aprendemos muito uns dos outros, nos tornamos mais experientes, nós compartilhamos ideias” (FREEDMAN, 2013. p.106).

- “É nosso interesse em comum pela comunicação, a identificação de temas, mais a crítica de produtos, filmes e fotos, etc., que nos faz querer a companhia uns dos outros” (FREEDMAN, 2013. p.106).

- “Eu estou convencido de que pessoas com o mesmo interesse acabam sempre se encontrando, independe de onde você esteja, você sempre se unirá a pessoas do mesmo meio” (FREEDMAN, 2013. p.106).

- “Talvez seja estranho para você entender que há jovens que se reúnem em seu tempo livre para trabalhar, produzir algo, e não apenas se divertir. Mas é exatamente isso que nós fazemos” (FREEDMAN, 2013. p.106).

- “Os relacionamentos (dentro da comunidade) são de colegas de trabalho, iguais os que temos em nossos empregos” (FREEDMAN, 2013. p.107).

- “Você está aqui para aprender algo sobre a mídia e a fazer bons filmes, então você aprende com os outros através de discussões” (FREEDMAN, 2013, p.106).

As declarações destes jovens nos fazem entender que eles procuram nas comunidades de produção colaborativa um ambiente de trabalho com o intuito de aprendizagem. Estar neste meio é uma maneira de conhecer pessoas com o mesmo interesse e aprender com elas, e com a dinâmica de produção colaborativa. Aprender além do que é oferecido no currículo da educação formal parece ser o desejo da maior parte dos jovens que se envolvem em comunidades de criação colaborativa. Assim, deve ser de interesse dos professores e pesquisadores da área a discussão sobre como esta aprendizagem informal acontece.

#### **4 Considerações sobre abordagens à aprendizagem informal em web comunidade**

Arte-educadores estão em uma boa posição para contribuir para o olhar crítico da imagem nos alunos por causa do conhecimento que têm sobre o imaginário visual. Aguirre (2013, p.15) coloca uma questão fundamental sobre a relação entre os educadores e a produção da cultura visual entre os alunos:

Devemos entender esses jovens como sujeitos em formação e, conseqüentemente, os seus trabalhos como soluções amadoras, alguém que é processo de aprendizagem? Ou, inversamente, devemos reconhecer



estes sujeitos capazes de agência e autoria e, portanto, suas obras como criações no mesmo patamar de artistas, editores ou designers?

A tendência que a própria cultura digital está reforçando é que todos tenham o direito à voz. A produção de alunos e artistas profissionais não estão separadas no ambiente online. Geralmente é a qualidade destas que determinam sua maior popularidade, aceitação e divulgação. Da mesma forma, nas instituições educacionais os alunos têm a expectativa de que seus trabalhos sejam aceitos e respeitados, fazendo com que os educadores tenham que repensar a abordagem dada a tais trabalhos.

Aguirre (2013) continua afirmando que uma das consequências da adoção de um ponto de vista que reconhece o sujeito criativo é que sua produção pode ser estudada em si mesma, e não apenas como uma conexão com algum tipo de formação, por exemplo, a escola. Outra consequência é que reconhecer o aluno como autor é dar voz a este, considerando a sua visão e opinião sobre a própria obra. É importante que os educadores reflitam sobre estas abordagens para conseguir lidar com o fato de que o aluno tem a possibilidade de criar fora da aula, e muitas vezes sem o conhecimento do educador.

Um ponto igualmente relevante é levantado por Alfred Porres Pla (2013): se adotarmos uma abordagem em que a cultura visual refere-se ao processo diário de ver e ser visto, a produção de cultura visual não pode ser reduzida aos artefatos visuais. Ou seja, outros fatores além do próprio objeto criado devem ser levados em consideração, como os processos relacionais que os indivíduos realizam em diferentes ambientes de criação, como, por exemplo, a web. Com a interação entre os indivíduos no ambiente de criação online, os jovens tendem a ter uma visão colaborativa da produção de cultura visual.

Finalmente, esta produção extracurricular exige uma mudança de posicionamento de professores e a adoção de temas que possam se conectar com as experiências e oportunidades de criação dos alunos na web. O que podemos aprender observando uma comunidade de produção colaborativa online e a aprendizagem informal por esta possibilitada, é que é preciso modificar de alguma forma as relações de poder entre instituição e alunos, entre educadores e jovens, dando a estes um espaço de expressão e avaliação da sua voz.

## Referências bibliográficas

AGUIRRE, Imanol. Introducción de Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual? Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013, p. 13-24.

FREEDMAN, Kerry. *Visual Culture Learning Communities: How and What Students Come to Know in Informal Art Groups*. National Art Education Association Studies in Art Education: A Journal of Issues and Research. Tradução própria. 2013, 54(2), 103-115.

\_\_\_\_\_. *Jóvenes como productores de cultura visual y procesos identitarios. Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?* Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013, p. 25-27.

\_\_\_\_\_. *Catadores da Cultura Visual: Proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

PORRES, Alfred Pla. *Jóvenes como productores de cultura visual e instituciones educativas: relaciones y experiencias. Investigar con jóvenes: ¿Qué sabemos de los jóvenes como productores de cultura visual?* Pamplona: Pamiela – Edarte (UPNA/NUP), 2013, p.101-104.

TOURINHO, Irene. *Ver e ser visto na contemporaneidade: As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso?* Cultura visual e escola ISSN 1982 – 0283 Ano XXI Boletim 09 - Agosto 2011, 9-14.

### Documentos eletrônicos

HERNÁNDEZ, Fernando. *La necesidad de repensar la Educación de las Artes Visuales y su fundamentación en los estudios de Cultura Visual*. Congreso Ibérico de Arte-Educación Porto, Portugal, noviembre 2001. Disponível em: <[https://docs.google.com/document/d/1ofNjHTXbnCiC\\_HhBpbJt3KhtkzUk4ytjROeY0BLB7N0/edit](https://docs.google.com/document/d/1ofNjHTXbnCiC_HhBpbJt3KhtkzUk4ytjROeY0BLB7N0/edit)> Acesso em 25/03/2014.

LEVITT, Gordon. *Vídeo Strawberry Bootlaces*. HitRecord. 2011.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=41EhuUNFhH8>> Acesso em: 25/03/2014.

LEVITT, Gordon. *Flickering Lights*. HitRecord. 2013.

Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=G9HCg\\_mUAY0](https://www.youtube.com/watch?v=G9HCg_mUAY0)> Acesso em: 25/03/2014.

MARTINS, Raimundo. *Porque e como falamos da cultura visual?* Visualidades, [S.l.], v. 4, n. 1 e 2, abr. 2012. ISSN 2317-6784. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/17999/10727>>. Acesso em: 24/03/2014.



## Minicurrículos

Joice S. A. Atique - Designer Instrucional na empresa EAD Soluções, é mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Dra. Mirian Dias Martins - Professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena o Grupo de pesquisa em Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas. É sócia-diretora - Rizoma Cultural: projetos em arte, cultura e educação com Gisa Picosque. Professora aposentada do Instituto de Artes/UNESP. Atuou também na Faculdade Santa Marcelina e no Espaço Pedagógico.